

Gostaria de parabenizar e agradecer a equipe do Sig em Revista pela idéia da coluna “A Posteriori”: trata-se de mais uma chance de comprovar o quanto é produtivo revisitarmos as idéias de Freud, e a nossa própria história de construção como psicanalistas. Diria, neste caso, pré-história: o trabalho “Sobre o Complexo de Castração na Teoria Freudiana” foi produzido como trabalho final do meu segundo ano de formação. Aproveito também para agradecer à Eurema e à Eneida que, de diferentes formas, me ajudaram nesta tentativa de transformar um instantâneo de Polaroid numa foto digital: muito grata, sempre. Resta só recomendar a todos a experiência do “A Posteriori”. Acreditem, é muito interessante!

Sobre o Complexo de Castração na Teoria Freudiana e (a posteriori) a feminilidade em Freud: um elemento para repensar a elaboração da castração

Introdução:

Com ou sem pênis, a verdade é que somos todos castrados. Somos castrados porque a própria castração existe – Lacan diria, porque o Outro é castrado - e porque não existe completude em nenhum lugar; porque temos início numa cena da qual estamos ausentes, e sobre a qual nada decidimos, e porque sem o outro não teríamos sobrevivido. Mais do que tudo, somos castrados porque regidos pelo que desconhecemos – o inconsciente - e por não sermos dotados de um instinto que nos guie para o objeto eficaz, mas por uma pulsão que desliza e nos faz errar eternamente, de objeto em objeto.

O texto a seguir pretende retomar brevemente o tema da castração na obra de Freud, percorrendo seus passos tanto na observação do fenômeno clínico quanto na construção do conceito teórico. Partindo daí, pretende também considerar a ampliação de alguns aspectos da elaboração da feminilidade, conforme descrita por Freud, e sua utilização como elemento para repensar a elaboração da castração em ambos os sexos.

A trajetória da castração, como fenômeno e como conceito, através dos textos freudianos

O termo “complexo de castração” surge na obra de Freud pela primeira no artigo “Sobre as Teorias Sexuais Infantis”(1908), artigo que parece dever ao Pequeno Hans muitas das idéias que apresenta. Nele, Freud atribui a formação do “complexo nuclear das neuroses” ao conflito entre as explicações dos adultos com relação às origens da sexualidade e da vida, e as teorias sexuais infantis, construídas a partir das investigações que as crianças empreendem sobre estes assuntos. O motor de tais investigações, diz Freud, não é a curiosidade espontânea, mas uma necessidade “prática”: o temor de perder o lugar junto aos pais com a chegada de um novo bebê. Como resultado do conflito, as teorias infantis passariam ao inconsciente e continuariam a agir desde lá. Uma das teorias infantis recalçadas em função deste conflito é a de que todos os seres vivos possuem um pênis,

Nas seções 5 e 6 de “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” - acrescentados à obra em 1915- Freud inicia suas considerações sobre as investigações das crianças afirmando que a pulsão de saber, embora não subordinada à pulsão sexual, mantém com esta uma relação importante, já que é atraída desde cedo, e muito intensamente, para as

questões sexuais. Além das teorias descritas anteriormente, Freud acrescenta que as crianças também levantam hipóteses sobre o que significa “ser casado” e sobre o que é a relação sexual, que neste momento é sempre encarada – seja quando assistida ou imaginada - como uma situação de subjugação. Freud afirma que a continuidade das investigações torna a criança mais “autônoma e solitária”. O fim das investigações é atribuído, aqui, à falta de recursos da criança para seguir adiante – ele só seria visto como resultado da desconfiança e do medo da castração mais tarde, em “A Organização Genital Infantil” (1923), quanto é traçada a ligação entre sexualidade infantil, complexo de Édipo e complexo de castração.

“A Organização Genital Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade” traz novos posicionamentos de Freud em relação à sexualidade infantil. Aqui, ele afirma que as escolhas objetais infantis, bem como suas pulsões parciais, já se encontram sob a primazia dos genitais muito antes do que ele mesmo imaginava ao escrever os “Três Ensaio”. A principal característica desta organização genital da criança é, ao mesmo tempo, sua principal diferença em relação à organização adulta: a teoria infantil de que para os dois sexos existe apenas um órgão genital – o pênis. A visão do órgão sexual feminino não leva a criança, neste momento, a vinculá-la à diferença entre os sexos: a diferença que a criança percebe e admite é relativa às características sexuais secundárias, mas isso não a impede de crer que todos os adultos possuem um pênis – ou pelo menos aqueles que não foram castigados com a castração. O menino inicialmente rejeita esta percepção, e a contradição entre o que ele vê e aquilo em que deseja acreditar é encoberta pela idéia de que o pênis “ainda vai crescer”. Em seguida ele conclui que o pênis estava lá e foi retirado, o que o leva ao receio de perder também o seu, e a pensar sobre o que seria necessário fazer, ou renunciar, para preservá-lo.

Em “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924) a vinculação entre complexo de castração e complexo de Édipo aparece de forma mais clara. Freud afirma que a masturbação da criança, motivo da ameaça de castração, é a descarga da excitação sexual relativa ao complexo de Édipo. A descoberta de que as mulheres não têm pênis põe fim às duas formas de satisfação frente ao complexo de Édipo: a maneira masculina, tendo relações sexuais com a mãe, e que tem como consequência a castração, e a maneira feminina, assumindo o lugar da mãe no amor do pai, que tem na castração sua precondição. A satisfação do amor edípico implica, necessariamente, na concretização da ameaça de castração: entre o investimento no objeto de amor edípico e o investimento narcísico no pênis, em geral triunfa o segundo, e “o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo” (1924, p.221).

Sexualidade Feminina e Castração

Quase ao final de “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1924), Freud pergunta-se: se as meninas também desenvolvem um complexo de Édipo, um superego e um período de latência, e se também a elas pode ser atribuída uma organização fálica e um complexo de castração, como isto poderia ser explicado na ausência de um motivo para o temor da castração? Assim como o menino, no início a menina consola-se pensando que se pênis crescerá. Ela também não generaliza a percepção da ausência de pênis nas mulheres, acreditando que apenas aquelas que foram castigadas perderam seu pênis. Imagina que possuiu o pênis e, em alguma época, o perdeu por castração. A diferença fundamental entre

meninos e meninas é, segundo Freud, de que “a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto que o menino teme sua ocorrência”. (p.223)

Em “Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos” (1925), Freud prossegue no tema, questionando: o que faz com que a menina abandone a mãe como objeto de amor, tomando em seu lugar o pai? Ocorre que a menina não ingressa na fase fálica, como o menino, pela vinculação da masturbação aos investimentos objetais edípicos – sendo a masturbação a descarga da excitação por estes produzida. O ingresso da menina na fase fálica ocorre pela descoberta de que os meninos possuem um órgão que ela identifica com o que possui, o clitóris, porém grande e visível. Produz-se nela o que Freud denominou “inveja do pênis”: a mãe é responsabilizada por sua incompletude, e o laço que as ligava enfraquece. A menina volta-se então para o pai, buscando obter dele o pênis desejado, e depois um bebê.

Fica colocada, assim, a diferença fundamental entre a vinculação complexo de Édipo-complexo de castração nos dois sexos. Na menina, o complexo de Édipo é introduzido pelo complexo de castração, enquanto no menino é destruído pelo complexo de castração: nele, os investimentos edípicos são substituídos por identificações que formam o núcleo do superego, perpetuando a proibição do incesto e protegendo o ego de novas investidas do investimento libidinal edípico. As tendências do Édipo são em parte sublimadas e em parte inibidas em seu objetivo, transformando-se em ternura.

Freud passa, então, a discutir a ausência de um motivo para a dissolução do Complexo de Édipo feminino, e faz a polêmica afirmação de que, devido a esta ausência, o superego das mulheres “nunca é tão inexorável, tão impessoal e tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens”. (p.320). A discussão prossegue no artigo “Sexualidade Feminina” (1931) e na Conferência XXXIII (“Feminilidade”) das “Novas Conferências Introdutórias” (1933). Neste último, Freud afirma que a substituição da mãe pelo pai como objeto de amor já é devida a um certo reconhecimento da castração, mas também ao que ele chama “uma rebeldia contra esse indesejável estado de coisas”. Tal rebeldia levaria a três possíveis linhas de desenvolvimento. Na primeira, a menina “sucumbe” à inveja do pênis, perde o prazer com sua sexualidade fálica – com a masturbação do clitóris – e termina por recalcar grande parte de sua sexualidade. Na segunda, apega-se à masculinidade ameaçada e à fantasia de vir a ter um pênis, o que pode ser a origem de uma escolha de objeto manifestamente homossexual. Numa terceira hipótese, a menina toma o pai como objeto de amor e substitui o desejo de ter um pênis pelo desejo de um bebê, encontrando o caminho da feminilidade.

Algumas considerações em torno da “terceira linha de desenvolvimento” do Édipo feminino em Freud

O que Freud descreve nos textos que acabamos de seguir é sua observação do Complexo de Édipo *na criança fálica*: resumir a castração à diferença anatômica tornaria-nos, portanto, tão fálicos quanto ela. A partir da observação, propôs um *modelo*, que serviu para que o complexo de castração fosse ampliado e desdobrado em questões como a sexualidade, o poder, o desejo, a lei e a cura em psicanálise. Se a descrição do Édipo no menino foi o modelo utilizado por Freud para que compreendêssemos a estrutura básica do Complexo de Édipo em ambos os sexos, poderia a descrição freudiana do Édipo feminino ser um modelo possível para pensarmos a saída possível do Édipo e a elaboração da castração, também em ambos os sexos?

A forma como Freud descreve o surgimento na menina do desejo de um bebê na conferência “Feminilidade” das “Novas Conferências Introdutórias”, demonstra claramente que não se trata de uma simples substituição, mas de um longo e elaborado processo. Em primeiro lugar, ele sublinha que a menina já desejou um bebê anteriormente, em sua “fase fálica não perturbada” – não perturbada pela descoberta da diferença sexual, que a faz ver-se castrada - na qual ainda não se deu o rompimento com a mãe como objeto de desejo. Brincar com bonecas não é, então, expressão de feminilidade, mas apenas da identificação da menina com a mãe e do impulso de assumir o lugar ativo (da mãe), colocando a boneca no lugar passivo (seu), repetindo com a boneca tudo o que a mãe fazia com ela. Nesta cena, temos uma mãe/menina não castrada, e uma menina/boneca que é o falo da mãe.

Seguindo na lógica da criança fálica, que assiste ou imagina a relação sexual – e que, naturalmente, amplia esta ótica para todas as outras relações - como uma cena de submetimento, Freud percebe que a cena da menina fálica com sua boneca é apenas outra versão da mesma cena. Trata-se de uma inversão, onde a menina passa a ser o ativo *possuidor* do objeto (diria Lacan, do falo), e a boneca assume o papel passivo *sendo o próprio objeto* (o falo). E não seria, ainda, dentro desta mesma lógica fálico-castrado que um homem ficaria impedido de desejar senão a mulher de outro homem, impedido de construir-se como homem segundo um projeto próprio? Que nome daríamos a isto senão “inveja do pênis” (do outro)?

O desejo do “outro” bebê, o bebê que é a via para a feminilidade, dá-se apenas *depois* que a menina reconhece a própria castração, e volta-se para o pai, primeiro em busca de um pênis e depois, reconhecendo a impossibilidade do próprio pai de dar-lhe um pênis – *reconhecendo a castração do pai* - de um bebê. O bebê da feminilidade surge, portanto, do reconhecimento da castração, mas além disso, da superação da lógica dual fálico-castrado. A proposta de Freud de que a castração conduza a menina à substituição do pênis por um representante que não é mais uma posse, uma apropriação, mas um *projeto*, uma *construção*, revela-se interessante para pensarmos um modelo possível de elaboração da castração. O bebê-projeto da menina castrada representa a saída do Édipo pela produção. Não nega a castração de forma alguma, ao contrário, afirma-a e faz dela uma potência de criação.

Tratando de ser coerente com tal linha de pensamento, este trabalho não poderia senão pretender deixar algumas questões. Seriam elas: não poderia ser esta também a via de elaboração da castração no complexo de Édipo masculino? Se sujeitos de ambos os sexos devem renunciar ao pênis-falo para dar lugar ao desejo, a terceira via de saída do Édipo feminino, o “bebê-projeto”, não seria a saída também para ambos os sexos? Projetos de nós mesmos, seria esta a nossa saída?

Luciana Maccari Lara
Psicóloga, Psicanalista e Mestre em Filosofia pela UNISINOS